



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAISES: UNI-VOS!

# Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

## O 1.º de MAIO está à porta!

O 1.º de Maio deste ano vai ter lugar num momento, em que as nuvens mensageiras da guerra se avolumam no horizonte, em que a crise geral capitalista toca as raias do incrível, em que a exploração capitalista e agrária e o desemprego e a fome desabam pesadamente sobre as massas laboriosas e em que a opressão fascista e a ruína e a degradação das classes inferiores tomam proporções horripilantes.

O terror fascista e a repressão policial, que não são senão a prova mais evidente da própria fraqueza que abala o derruído fundamentos do poder do capitalismo, não resistem à arma da unidade de acção e à decisão de combate das massas. As lutas e os movimentos de massas já deixaram de circunscrever-se a uma só cidade, a uma só povoação, a uma só empresa, ou ao campo proletário exclusivamente.

Para continuar a repressão em escala de massas, é preciso dispor de massas muito mais numéricas que aplicam essa repressão ou que pelo menos observem em relação a ela uma neutralidade acolhedora.

Esta base já o «Estado Novo» não dispõe.

Aceleremos a formação de comités de luta pró 1.º de Maio, lutemos sob o signo duma larga paralização do trabalho, de protesto contra a crise, contra a guerra, pela amnistia, pela elevação do nível de vida das massas trabalhadoras e pela frente única do movimento proletário. Preparemos bons comícios relâmpagos e muitas pequenas manifestações de rua. Por uma larga jornada de agitação antifascista. Nos próprios locais onde a paralização for impossível, promovei aí, em plena hora de laboração uma agitação intensa, pequenas reuniões rápidas, etc., contra a ofensiva do capital, contra o fascismo e contra a guerra. Levai os operários a enviarem, sob este lema, milhares de reclamações e de protestos ao patronato e ao governo. Sustentai nesses dias as vossas reivindicações concretas.

Jovens trabalhadores e estudantes! associai-vos ao movimento!

Policia de Segurança Pública e soldados da G.N.R.! O 1.º de Maio é um dia de luta contra a guerra que ameaça, e pelo pão e pelo trabalho para as massas laboriosas. Recusai-vos a obedecer à ordem salazarista de espingardamento e de acutilamento do proletariado.

Trabalhadores anarquistas, anarcosindicalistas, republicanos e sem partido! Certai as vossas mãos e patchai à luta pela unidade do movimento proletário e por uma reconstrução geral dos sindicatos independentes da classe operária!

## Frente unica de luta!

A Internacional Comunista e a I.S.V. na luta pela unidade de acção da classe operária

A Internacional Comunista dirigiu, em 11 de Outubro p.p., uma proposta ao Comité Executivo da II Internacional, a respeito da realização — de acções comuns imediatas, tanto para ajudar o proletariado espanhol em luta, como para crear uma opposição ao sustento do Governo Lerroux pelos Governos dos outros países capitalistas.

Os camaradas Cachin e Thorez, representando a I.C., tive am, 4 dias após, uma entrevista com os delegados da Internacional Socialista, Vandervelde e Fr. Adler, aos quais propuseram a seguinte plataforma:

1.º Manifestações e comícios comuns, sob a palavra de ordem: *Abaixo o Governo Lerroux! Tudo pela defesa dos operários e camponeses espanhóis em luta contra a reacção!* 2.º Plano comum das organizações sindicais, de maneira a não permitir o transporte de tropas ou de munições para o Governo Lerroux. 3.º Intervenção comum das duas fracções parlamentares Socialista e Comunista, em cada país, reclamando a convocação do Parlamento, para protestar contra as execuções bárbaras de que é vítima agora o povo espanhol. Intervenção, também, das municipalidades socialistas comunistas, ao mesmo respeito. 4.º Ajuda material imediata, coordenada em comum, aos proletários espanhóis em luta e às vítimas da repressão.

Esta proposta foi inteiramente adoptada pelo Comité Executivo da Internacional Socialista. Porém ela ficará como um dos mais importantes passos da I.C., na luta pela frente unica de acção da classe operária. Ela acelerou a corrente de frente unica que vem formando-se nos quadros de alguns países (França, etc.), corrente que os chefes da II Internacional já não podem entrarvar.

A 7 de Março p.p., a Internacional Sindical Vermelha dirigiu à Federação Sindical Internacional, chamada de Amsterdam, uma proposta de:

1.º Acção comum dos sindicatos filiados na Internacional Sindical Vermelha e na Federação Sindical Internacional, no 1.º de Maio, contra o fascismo, contra a ofensiva capitalista e contra a guerra; 2.º contribuir para a unificação dos sindicatos da França e da Espanha; 3.º contribuir para a reconstrução dos sindicatos livres na Alemanha. **Discuti, finalmente, as, formas, os métodos e as condições do movimento sindical na escala internacional.**

Esta proposta da I.S.V. assinala que:

*«A classe operária dispõe de forças suficientes para repelir o ataque, para defender os seus interesses e para invadir uma nova carnificina internacional. Para isso, é necessário unificar os esforços na luta contra o inimigo comum. É necessário que todas as organizações sindicais se levantem em frente unica, e contra a burguesia e pela realização dos objectivos imediatos e gerais do movimento operário. É necessário restabelecer a unidade do movimento sindical.»*

Esta proposta acaba por declarar: **nós estamos prontos a discutir todas as vossas propostas** respeitantes à ordem do dia desta conferência.

Este caminho traçado pela I.C. e pela I.S.V., à luz dos factos, demonstra, com um brilho inextinguível, **a enorme dedicação que nós, comunistas, emprestamos à questão da frente unica de luta e à unidade de acção da classe operária — únicos meios de emprender a luta vitoriosa pelo derrubamento do fascismo.**

As citações que fizemos, da doutrina das propostas atrás referidas, assinalam, sem possíveis confusões, o que pode e deve entender-se por frente unica. **Nós chamamos frente unica, ao entendimento duma acção concreta imediata, duma acção que se dá e na da quantidade de tarefas que podem realizar imediatamente as organizações em presença, ante o estabelecimento do seu acôrdo, e as massas que nós chamamos à frente unica.**

Quando nós atacamos os chefes revirralhistas e anarcosindicalistas, há muito quem pense que nós formulamos esses ataques, por uma questão de «capricho meramente desportivo». E esta opinião é errónea.

Outros pensam (trotsquistas da «Luta de Classes» e do grupo de Torres Vedras, e, numa certa medida, parte dos dirigentes da «Liga Anti-Fascista») que, para falar-se de frente unica, bastaria seguir o exemplo francês. O nosso Partido entende que é preciso darmos-nos conta das seguintes particularidades:

1.º Os métodos do «silêncio» e da «surpresa» (a gente combina uma frente unica entre os chefes, mas não diz nada sobre os objectivos da acção

## Contra a guerra!

O perigo de guerra imperialista cresceu enormemente. A Alemanha capitalista, rearmada. O Japão anexa sucessivamente as províncias limitrophas, provoca a URSS, e a Itália guerreira, a Abissínia. A corrida aos armamentos recebeu um novo acréscimo e alterna já com uma corrida às mobilizações militares. O Estado capitalista português, mobiliza o país completamente para a guerra e luta despedagadamente por fazer da questão da saída a guerra um assunto privado do Ministerio, dos altos comandos e dos grandes capitalistas.

As forças e as condições militam em favor do impedimento da guerra imperialista. A URSS, lutando implacavelmente pela manutenção da paz e a URSS é simultaneamente a frente armada do proletariado internacional que combate a guerra imperialista. A China Sovietica, é o centro de arrasto dos povos coloniais e semi-coloniais à luta contra o poder militar do imperialismo.

É preciso correr à formação, em todo o país, duma completa rede de comités de luta contra a guerra. É preciso também ganhar a luta contra a guerra os elementos mais activos e as massas que abominam a guerra, seja qual for a sua tendência politica ou credo religioso. É preciso ter em conta o enorme papel das mulheres e dos jovens na próxima guerra e, portanto, arrastá-los, desde já, à organização e às formas de luta contra a guerra. Não basta, porem, «organizar por organizar». É preciso organizar lutando, «em vista da conquista duma organização maior, para a preparação das acções decisivas».

Por uma tempestade de protestos contra a corrida aos armamentos militares, a os armamentos e à mobilização. Mantei-vos vigilantes, ante as provocações à URSS e protestai contra elas. Nas fábricas, nos campos, nas escolas, etc., organizei comités de luta contra a guerra. Promovei reuniões onde seja vetada a vossa disposição de não servirdes de carne de canhão da nova guerra imperialista. Enviai os resultados das decisões dessas reuniões à imprensa revolucionária e antifascista. O «Avante!» abre as suas páginas ao relato deste movimento.

**Abaixo a guerra imperialista**

**Contra as provocações à U.R.S.S!**

**Pe'a defesa da China Sovietica!**

**Organizemos a luta contra a guerra!**

(Continua na 6.ª pagina)

# Sobre a preparação do VII Congresso

## Resolução do Secretariado do P.

I

O Secretariado do P.C.P. saúda calorosamente a decisão do Comité Executivo da I. C., respeitante à convocação do VII Congresso Mundial e à resolução do «presidium» do mesmo Comité Executivo, referente à abertura, no Partido, duma larga discussão, a propósito dos problemas fundamentais que vão ligurar na ordem do dia do referido Congresso. O VII Congresso da I. C. será o Congresso da luta pela unidade da classe operária, contra o fascismo, contra os perigos de guerra e contra a ofensiva do Capital. Neste sentido, o VII Congresso não interessa simplesmente aos comunistas, mas sim, ao conjunto da classe operária e, particularmente, às massas, que, embora presas, durante vários anos, à *societário-democracia*, ao *anarco-sindicalismo* e ao *revirralhismo*, rompem com os chefes dessas correntes e como métodos de luta por eles preconizados e encaminham-se para o campo da Internacional Communista.

Nos convidamos todos os membros do Partido e todos os seus órgãos e, bem assim, todos os simpatizantes, a cooperarem no centro da sua actividade imediata a discussão sobre o VII Congresso, a arrastarem as próprias massas sem partido a esta discussão, a conduzirem-na a análise séria e profunda do problema da luta pela consolidação orgânica da nossa influência sobre as grandes massas trabalhadoras, a procederem ao exame dos progressos que temos registado, a levantarem uma larga discussão em redor da nossa linha política e das tarefas postas no Partido em face da situação económica e política nacional e a darem um largo lugar à crítica e auto-crítica das nossas fraquezas, retardos e defeitos.

II

O ponto central das nossas discussões respeitantes ao VII Congresso deve incidir sobre o problema da luta por uma vasta e potente corrente de frente única. A situação concreta das forças e da ideologia que norteia os agrupamentos que intervêm na luta contra a Ditadura emprestam um cunho, de certo modo particular, à questão da materialização da tática de frente única. Entre nós não existe um Partido Socialista. Os Partidos liberais deram-nos e os métodos *revirralhistas* não têm a realidade da luta séria e levada até ao fim contra o fascismo. A C.G.T. derruiu e derrua os seus membros, por cada dia que passa. Estas correntes, que por um lado começam a cristalizar-se no campo de meros grupos, pretendem resumir, além disso, toda a acção contra a Ditadura a uma manobra militar, empreendida, de resto, à base da tática do «silêncio», da «surpresa» e da «renúncia a toda a vulgarização dos objectivos da revolução». Ora, a renúncia inteira «a toda a luta», o «silêncio» e a «surpresa», a renúncia aos objectivos da revolução é uma tática militarmente contra-revolucionária. Ela é incapaz de levar o grosso das massas ao caminho do combate contra o fascismo, perde as massas, quando os chefes *revirralhistas*, em plena luta armada, começam a meter travões nas rodas da revolução e entregam as massas a qualquer grupo político aventureiro, que apenas se disse revolucionário para melhor amarrar, dentro de novas formas, os explorados à sujeição capitalista.

Por isso esta proclamação da I. C. toma um extraordinário realce:

«É claro que para nós esta palavra de ordem (a luta pelo poder dos Soviéticos) deve ser actualmente a palavra de ordem política central, mesmo nos países retardatários de baixo do ponto de vista revolucionário, porque, mesmo aí, os operários devem conhecer antecipadamente o caminho que terão de seguir.» «Da estabilizaçãoabalada, ao segundo ciclo de revoluções e de guerras.»

«Na hora presente — diz o mesmo escrito

— nenhuma revolução pode triunfar senão sob a bandeira do poder dos Soviéticos, quaisquer que sejam as palavras de ordem de baixo das quais ela seja desencadada e qualquer que seja o carácter revestido por ela: o carácter de revolução democrática ou o carácter de revolução proletária.»

Os chefes *revirralhistas* supõem-se forjadores da realidade. E, entretanto, a realidade demonstra-nos que os acontecimentos revolucionários talham, por si, o seu próprio curso. O nosso papel é o de servirmos de parceiros que tornam o parto menos doloroso.

Nos modificamos, efectivamente, a nossa tática de frente única, de harmonia com as condições novas. O fascismo, a ofensiva do capitalismo e o perigo de guerra, em paralelo com o próprio trabalho revolucionário consequente e aturado do nosso Partido, criaram esta realidade: Entre os próprios escalões dirigentes do *revirralhismo* e do *anarco-sindicalismo* operam-se grandes e profundas deslocações; os sargentos acabam de criar um «comité» para a luta pelo derrubamento da ditadura; as camadas intelectuais são sacudidas e predis põem-se para a acção; a juventude estudantil das próprias camadas médias envereda pelo terreno do anti-fascismo; o movimento camponês cresce no país; dentro das fábricas realiza-se já, parcialmente a frente única para a luta imediata contra a ofensiva do capital e pela reorganização de movimento sindical revolucionário e os mais obscuros trabalhadores intervêm nas lutas parciais.

Por modificação da tática de frente única nos entendemos a luta pela *quebra* do nosso *sectarismo*, a luta pelo *empredimento da abordagem prática das massas*, em todos os campos onde elas despertam para a acção anti-fascista e a luta contra a tendência que considera que todos os militantes *anarco-sindicalistas*, que todos os *intelectuais* ou mesmo *elementos dos escalões médios do revirralhismo* são indignos da nossa abordagem.

Na medida em que grupos determinados do *revirralhismo* substituem o *putchismo* pela acção sistemática de luta contra o fascismo nós damos um lugar menor às nossas críticas e achamos mais praticável a realização da frente única sob o lema principalmente: *contra a Ditadura*. Porém, ainda em tal caso é preciso não perder de vista o conteúdo político particular das forças em presença. Os progressos que temos alcançado são o produto duma luta séria e persistente, através da qual o Partido jamais ocultou a sua própria cara. Fala-se de frente única e de pacto de luta comum em relação ao acordo momentâneo que se estabelece para o *empredimento* duma luta concreta. Mas nas condições de insurreição armada, o Partido Communista aparece como Partido mais revolucionário e mais vanguardista da classe avançada. Chegados aí o nosso lema consiste no *empredimento* das e das formas de acção e de mobilização de massas que façam suceder imediatamente a luta de derrubamento da Ditadura, a luta pelo Governo Operário e Camponês. Só a realidade da própria luta e das nossas forças — e jamais as previsões transgências com os chefes, que eles sejam — é que nos dirá se o momento amadureceu ou não, esta alternativa.

III

O segundo ponto a discutir é o da abordagem directa, da organização e do trabalho nos organismos que ligam as massas. Os ditos mordazes e as críticas à situação actual e à Ditadura, tomam enormes proporções. As massas entram por toda a parte em grupos parciais, grandemente espontâneas, que se alargam dia a dia. Porém, o nosso retardo e ainda grande. Num grande número de casos, o nosso Partido não passa dum centro de agitação e dum canal difusor de literatura. Este retardo deve as suas origens à quantidade de ilusões *revirralhistas* — («esperemos

que o revirralho ha-de vir...»; «agora eles, de pois nós...»; «em Portugal na ta pode fazer-se sem que a revolução tenha ajudado a nos outros países...») — que ainda encontram guarida nas nossas fileiras. Ora, a realidade demonstra-nos que a Ditadura vai sendo metida a ridículo e que o nosso Partido se prestigia ante as massas. A tarefa que a burguesia reactionária se assumiu de fazer de Salazar um «herói nacional», falhou completamente. Daí, *inimicus* e *condições actuais de fascismo* red-beirão, é possível *abundar* *decisivamente*, *assim*, a fim de *arrastar* a *Partido*, aos *Sindicatos* *«Neg-melhas»* *S.V.L.* a *frente anti-fascista* e *as acções e secretas*. *O essencial é aprendermos a própria linguagem* *te que a massa se serve para patentear a sua indignação contra o fascismo*, *contra a guerra e contra a ofensiva do capital*.

Os Sindicatos Nacionais e as Casas do Povo que organizam massas, podem e devem utilizar-se como meios da nossa acção. Até aqui, a nossa palavra de ordem tem consistido em levar as massas a fazerem o boicote a tais organismos. Esta palavra de ordem era e é, justa. Porém, é preciso actualizá-la e alargá-la, tendo em conta os resultados já atingidos pela reorganização do movimento sindical revolucionário e a tarefa que se nos coloca de levarmos adiante o *empredimento* dos quadros da legalidade fascista e de arrastarmos o proletariado e os camponeses à conquista parcial das suas reivindicações. Estes organismos, na medida em que organizam massas, ou que a luta em redor deles pode reagrupar as massas e despertar-las para as acções re-*vinculativas*, podem servir-nos de meios de legalização do próprio trabalho dos *sindicalistas* e das *opções revolucionárias*. Tudo consiste em criar as formas de penetração e de contágio, e em lutar em tais quadros, não à base duma luta meramente negatíva, mas no sentido de obter um triunfo às reivindicações concretas das massas, já levando as massas a formularem, cada vez com mais persistência, as suas reivindicações nesses quadros, já lutando porque as massas, para uma melhor defesa dos seus interesses, imponham os seus próprios representantes para os lugares de direcção. As Casas do Povo, posto que não passando de organizações mutualistas de estilo fascista, na medida em que organizam massas, podem e devem prestar-se à formação duma oposição revolucionária que, ligando, em tais quadros, as massas sob a bandeira da luta pelas reivindicações camponesas, saiba de locar essas

## Libertad Alvaro Duque Fonseca e to

Os presos do Aljube estiveram há pouco outra vez privados de visitas e agora só podem ser visitados por algumas pessoas de família. Em Peniche, os presos morrem de fome (uma posta de bacalhau que há meses era dada a um preso, agora tem de chegar para quatro!) e só de oito em oito dias lhes é permitido passearem umas horas escassas na cerca da Fortaleza.

Em Angra os presos estão condenados a morte! Uma reclamação contra o rancho intragável, foi há meses subocada com um feroz espancamento dos presos e com o envio deles, cerca de duas semanas para a «Poterna»!

Depois da semana de 25/2 Fevereiro/Março, Salazar perdeu a cabeça ordenando a P. de Informações que acabasse com a organização comunista no Barreiro, para on te seguiu uma brigada de esbirros. Em face, porém, da resistência e auto-protecção da organização, nada fizeram.

E, então, foram os libérricos e pediram aos engenheiros que lhes fizessem os operários suspeitos. Prenderam muitos operários, espalharam nos matos e em pousos na rua, pois não provaram a contra-dies. Os que ainda estão presos continuam sendo torturados.



## O Anarquismo ao serviço da sujeição eterna do proletariado ao capitalismo

Em Portugal, o movimento revolucionário deixou de ser, desde há vários anos, *uma palhaçada entregue a devancos livres*, ou *uma parolada que brinca aos soldados*.

Dai as forças do capitalismo lançam mão dos processos mais demagógicos e mais terroristas e correm locamente à formação dos tentáculos orgânico-corporativos e policiais, no objectivo jugularer eternamente as massas laboriosas.

O que era escória, apesar de tantas vezes apelidado — *ideologia proletariana* — tombou, desastrosamente, para o fundo da fornalha.

A força e a influência do Partido Comunista retemperou-se e alargou-se e aprofundou-se, dia a dia.

Os chefes do anarquismo dizem que o nosso crescimento e obra numa situação, que... *se Deus Nosso Senhor quiser, há-de transmitir-se*.

Entendamo-nos por um a vez! O nosso crescimento é filho do nosso heroísmo indomável, da nossa inteira votação à causa do proletariado e, *si brevídulo da contestura da ideologia que nos serve de rum* — do leninismo, carta de guerra triunfante e derradeira do proletariado, contra o capitalismo.

As forças mais reacionárias e mais sangrentas do mundo velha desabam, precisamente, no seu auge mais furibundo, por cima daquilo que leva ligado o nome de comunismo.

O Nosso crescimento não é o resultado dum *teleférico*, que se nos dá.

Inversamente: Debaxo da tormenta é que se poem à prova os melhores timoneiros.

Os nossos progressos fazem perder a cabeça aos militantes mais empedernidos do anarquismo e desorientam-lhes as hostes. O que há de mais puro neste campo vai, dia a dia, prestando-nos justiça. A estes não preguntamos: *— Donde vindes? Estendemos-lhes as mãos fraternalmente e ensinamos-lhes e mo é possível ir mais longe.*

No Boletim «Acção anarquista portuguesa» (???) de Janeiro deste ano somos mais um a vez, como não podia deixar de ser, mimoseados pela prova do *arrial*. Agora, os sacerdotes anarquistas batizam as suas estocadas de «Breve crítica a um programa». Referem-se ao nosso programa — do *Governo Operário e Camponês*. Começam por classificar-nos de «Partido que brinca com a ingenuidade dos trabalhadores não esclarecidos e faz da revolução o veículo dos seus apetites». E acabam por pregar que o nosso Programa está cheio de embustes e de contradições.

A observação central d'esses *szedules* refere-se ao ponto do nosso programa sobre a terra. Em primeiro lugar, afirmam que, tal qual o formulamos, «é de perfeito carácter anarquista».

(Uma proposta concreta: *Queréis lutar conosco em frente única, mas à luta prática, pela realização desse ponto do nosso programa?*)

Seguidamente dão-nos instruções acerca das *concepções agrárias do marxismo-leninista*. ... Afirmando por exemplo, que o comunismo «não é aquilo, mas, sim, a distribuição da terra».

Esclareçamos o cérebro embrulhado dos anarquistas.

A confiscação, sem indemnização, de todas as terras dos grandes lavradores, da Igreja do Estado e dos municípios, com o recheio, e a sua distribuição gratuita pelos camponeses pobres, jornalheiros e trabalhadores rurais — é a reivindicação fundamental do Programa do Governo Operário e Camponês e decorrente do Programa adoptado no VI Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1925.

O ponto perfilhado pelos sacerdotes anarquistas, a propósito da questão da terra, encontramos-lo escrito num papel, que foi apresentado pela C.G.T. ao *comité de frente única*, formado para a preparação do 18 de Janeiro, no terreno sindical.

Aí, diz-se, pelo contrário: «Socialização dos baldios, terrenos incultos e camarários, os quais devem ser entregues aos sindicatos dos trabalhadores rurais, com as facilidades inerentes».

Desde que os chefes anarquistas e confederais passaram a entrar em compromissos mais abertos com os chefes do «revivalho», começaram a guiar os seus passos pelo lema: «Amor com amor se paga»...

Dai, ao passo que nós consideramos que o que é preciso é resolver o problema de todos os camponeses pobres e médios e dos trabalhadores rurais, por meio da *confiscação pura e simples de toda a terra dos grandes lavradores, do Estado, dos municípios e da Igreja, e entregar a terra aquelas massas, sem divagações, para que a cultivem como entendam* — os chefes confederais e os sacerdotes anarquistas acham que basta tratar das *questões dos baldios e dos incultos, do cascalho e das charnecas, que os grandes lavradores se deixaram de cultivar*.

(Continua na 4ª página)

## O fascismo e a "democracia" à luz do materialismo histórico

Para se poder lutar contra o fascismo é indispensável não só compreender o que ele exprime, mas ver também se as formas do liberalismo — a chamada *democracia burguesa* — podem realmente, constituir-lhe uma oposição.

Que é o fascismo? O fascismo é a última trincheira de defesa, pelos métodos terroristas e demagógicos, do capital concentrado — capital financeiro e monopolista — no período de decomposição do regime capitalista.

A democracia burguesa, (que cabe logada num boletim de voto, com o qual pretende libertar, politicamente, o homem, mantendo-o economicamente escravizado), consagra odialmente o princípio de liberdade, mistificando-a e tornando-a, na prática, muito semelhante à liberdade que havia nas repúblicas gregas: — a liberdade para os possuidores de escravos.

Toda a história dos últimos anos, demonstra que a democracia burguesa resuma o fascismo por todos os poros. O fascismo brota tão naturalmente da como o fruto sai da flor. *A democracia burguesa já não pode ter uma linha própria de equilíbrio; tem forçosamente, de resvalar para o fascismo*. Prova-o o que se tem passado em França desde que na noite de 6 de Fevereiro a democracia burguesa e os seus mais lídicos representantes — capitularam — dir-se-ia que se volatilizaram! — perante a malta fascista que, só o proletariado, guiado pelo P.C., fez recuar. Comprova-o — e com prova real — a república espanhola que, apenas saída dum ditadura militar, só pelo heroico e glorioso esforço do proletariado não se transformou já, de fascismo larvado, em fascismo declarado.

Se a burguesia espanhola derrubou a monarquia, não foi para a substituir por um regime democrático, mas para garantir os interesses e manter os privilégios dos grandes capitalistas e dos grandes proprietários rurais, sob

a defeza dos quadros do regime depositado. E viu-se agora que na defeza dos seus cofres, ela não fica atrás, nem em bestialidade, nem em inhumanidade, nem em crueldade, do mais bárbaro fascismo.

Esta é a ligação dos factos, dum evidência irrefutável. Mas, vejamos rapidamente porque é que o capitalismo e hoje incompatível com a «democracia»; porque é que a burguesia, que foi no seu início e durante a curva ascendente da sua história uma classe revolucionária, se transforma em classe conservadora e é, agora, na crise geral do seu regime, profundamente reacionária.

A democracia burguesa é o mínimo de liberdades que ela representa-vaeram, no plano político, a expressão do liberalismo económico. Quando através das complicadas mudanças que se produziram na base económica, o capitalismo entrou na sua actual e derradeira fase — a fase do imperialismo — todas as veleidades da «democracia» tinham de ser banidas. A livre concorrência, concorrencia entre os indivíduos, foi suplantada pela concorrência entre grandes organismos do capital concentrado — trusts e cartéis — que, esmagando o produtor isolado, acabam, bareando os mercados internos pela protecção pautal e procurando dominar o mercado externo pelo *truste* (tornado possível pela exploração cada vez mais feroz das massas trabalhadoras e por essa mesma protecção a financeira que lhes garante no interior de cada país os *epíscopos de monopólio*) transformaram as lutas de indivíduos em lutas de potências.

O Estado, que é sempre o instrumento da classe dominante, deixou de ser o Estado de toda a burguesia para se converter, em cada país, no instrumento da plutocracia, que é, na realidade, quem, por seu intermédio, governa.

Então, para racionalizar a *outragem*, para aumentar os lucros pela compressão dos salários até um mínimo muito baixo do estritamente necessário para viver, para impedir os trabalhadores de formularem as suas reivindicações, para destruir os seus organismos de defeza: — os sindicatos, e para lhes arrancar das mãos a sua melhor arma de combate: — a greve, a plutocracia tinha de abolir todos os vestígios da democracia — mesmo da anémica «democracia» burguesa. E isto mesmo que Hitlerding exprime quando afirma que «o capital financeiro não quer liberdade, mas sim a dominação».

Toda a pseudo ideologia fascista é uma consequência forçada dessa modificação da economia. A subordinação do indivíduo ao «grupo étnico» é o reflexo ideal da subordinação das pequenas capitalistas isoladas, aos fortes grupos monopolistas.

O pequeno comércio, a pequena indústria e a pequena propriedade rural já não podem subsistir livres e autónomas. *As classes médias são hoje um resíduo histórico*, e vem a sobreposição que a exclusão económica arruinou. O ritmo da sua proletarianização acelera-se, confirmando as geniais previsões de Karl Marx.

Produto do capitalismo individualista, essas classes querem persistir no individualismo económico. Quer dizer: aspiram por uma regressão

(Continua na 4ª página)

## A edificação da sociedade socialista na URSS

### A Aviação ao serviço da Agricultura

Durante o ano corrente, a superfície semeada pela aviação aumentou consideravelmente, atingindo já a cifra de 100.000 hectares.

Os aviões, voando a pequenas altitudes, deixam cair por um crivo especial os cereais a semear sobre a terra devidamente preparada pe estações de máquinas. Este processo tem-se revelado como sendo aquele, que mais resultados dá na grande cultura cerealífera, como é por exemplo a da U.R.S.S. Foi na URSS que esta forma teve início e é lá que mais se tem aperfeiçoado, pois que, somente na União Soviética se encontram quintas com 60000 hectares, e mais; e isto é devido ao terem-se tornado em regiões produtivas de trigo, as antigas «stepes» que o czarismo mantinha inaproveitadas, ou simplesmente destinadas a coutadas de caça dos grandes proprietários.

Na região de Kuban, as sementeiras feitas pela aviação tiveram o seu início em 1932. De então para cá este processo tem-se acentuado.

Este ano semeou-se 100.000 hectares, dos quais, 30.000 são na região

das terras negras de Azof e 15.000 na Ucrânia. Um comunicado do «Aeroflot» anuncia que começaram as sementeiras pelo mesmo processo na Ásia Central e na região das Terras Negras.

### Novos Sanatorios

Trabalha-se actualmente em Borjón na instalação de um gigantesco conjunto de sanatórios, para o Comité Central dos Sindicatos. Estes sanatórios, que se encontram numa região largamente arborizada, onde predominam os pinheiros, serão dos mais importantes em toda a União Soviética. Uma parte dos edifícios em construção ficará pronta este verão. Pros ntemente fazem-se experiências geológicas junto destas construções para a pesquisa de novas fontes da celebre água mineral de Borjón.

A URSS ultrapassou a produção de trigo de todos os países do mundo em 1934. Actualmente produz 245.692 milhares de quintais de trigo!

O FASCISMO E A «DEMOCRACIA»

à luz do materialismo histórico

(Continuado da 3.ª página)

são económica e cultural; porque, na sua grande ignorância, atribuem todos os seus males a perversão intelectual ou moral dos dirigentes e das classes trabalhadoras, predispondo-se, assim, a aceitar as ideias mais retrógradas.

Todas as experiências, em todos os países, confirmam plenamente o axioma marxista da instabilidade da situação da pequena burguesia que foi sempre um apêndice, impotente ou inconsciente, docilmente manejado pelos reis da finança. Tudo quanto se faz em nome das classes médias é feito ou alimentado pelos plutocratas, com o fim descarado de que elas os ajudem, em o seu peso morto, a esmagar o proletariado. Esse é um dos pontos, e o mais cuidadosamente tratado, da tática do fascismo.

Por sua vez os «democratas» burgueses também procuram aproveitar-se dessas classes para os seus fins eleitorais.

Uns e outros usam, sob formas diferentes, da mesma desusada demagogia. Uns e outros são pródigos em promessas; mas nem uns nem outros podem melhorar de qualquer forma a situação dessas classes de quem buscam o apoio para que elas, ajudando-a inconscientemente a defender os interesses da plutocracia, lhes permitam manter, ainda por algum tempo, um regime que sossobra. Só o comunismo, pela abolição das classes, pode dar a todos os indivíduos as garantias necessárias de vida, integrando-os humanamente na comunidade.

Vê-se pois que, derruida para sempre a sua base económica, a «democracia» burguesa só pode ter uma existência artificial e precária, e que, na medida em que a luta das classes se exacerba, tem de se transformar em fascismo. Ora todas as contradições da época actual, agravadas pela crise, marcam um período de intensas lutas de classe que não podem deixar de se tornar cada vez mais agudas até ao momento da luta final — que não vem longe.

Assim, contrapôr ao fascismo a democracia burguesa é opor-lhe a sua própria sombra. E não o combater. E' criar um círculo vicioso. No ponto actual da evolução histórica já não ha lugar para as falsas soluções intermédias. Os campos estão extremados: e os factos que — dizia Lênine — são teimosos, põem por si próprios o problema como dever: fascismo ou comunismo.

A resposta é certa. O Proletariado está de pé!

O que eu vi!

Tras crevenoso depoimento dum soldado espanhol que nas hostes contra-revoluc onárias de Ochoa, batalhou contra os minciros asturianos durante a revolução de Outubro e que foi publicado no jornal «Frente Rojo» de 24 de Fevereiro:

«Eu afirmo que o capitão e o tenente-coronel pagavam dez pesetas por cada braço dum revolucionário; que o tenente coronel da 5.ª bandeira mandava coser a boca aos revolucionários que caíam em seu poder e os enterrava vivos; que os chefes ofereciam a gazolina para os queimar; que vários indivíduos da

(Continua na 6.ª página)

A vida dos operarios

O Sindicato Nacional é uma tarça!

PENICHE

Devido às «excelencias» do regimen corporativo, e às suas leis fascistas de protecção à grande industria e patronato, de que é um frisante exemplo a lei do «defeso» na industria de conservas, as classes trabalhadoras desta localidade encontram-se na maior miséria, devido à exploração desenfreada de que estão sendo vítimas.

Por várias vezes os «senhores» do salazarismo tentaram aqui organizar o Sindicato Nacional, sem que o conseguissem. E hoje, se o conseguiram, isso se deve à situação desesperante do proletariado local que, ante a fome e a miséria que dia para dia se acentuava, se deixou arrastar pelas promessas illusórias dos serventuários locais do salazarismo.

Esse limitado numero de camaradas (uma escassa centena) que ingressou no Sindicato Nacional, na esperança de por intermédio del conquistarem as regalias a que t. en direito, breve se convencerão qu mais uma vez foram ludibriados pelos «senhores» do salazarismo!

E essa a missão dos Teotónio Montez & Cª, que de terra em terra andam apregoando o Estado Novo e o fascismo.

Quando esses «senhores» nos dizem que somente as nossas reclamações seriam atendidas, quando feitas pelo Sindicato Nacional, nada mais queriam do que acurrar o proletariado de Peniche ao carro do capitalismo.

A's «promessas» do administrador do concelho e mais chefes fascistas, antes da formação do sindicato, que realidades correspondem hoje, depois da sua formação?

Cons guimos receber as horas suplementares? Não!!  
Rezolveu-se o caso do empregado das mulheres como soldado? Não!!

Aum ntaram-se os salários? Não, pois que continuamos a receber o salário de miséria de 9500!

Conseguiram os soldados receber o salário de 20500, como lhes fora prometido? Não, visto continuarem recebendo os 9500!

Deram mais do que tres dias de trabalho a cada operário? Não!

Estas são as tristes realidades, e a prova cabal de que o sindicato nada de bom nos trará, e que del só temos a esperar a continuação do actual estado de coisas.

Isto é: fome e miséria!

Mas, já que os salazaristas nos apresentaram o Sindicato Nacional como única forma para a realização das nossas reivindicações, vamos agora, apoz a sua constituição, exigir, por intermédio dele, a satisfação das nossas reivindicações! E então veremos quem serve o sindicato: se o proletariado conservador de Peniche, satisfazendo as suas regalias; se o patronato explorador, mantendo o actual estado de coisas!

Para que um jornal seja efectivamente de massas necessita de ter pelo menos 500 correspondentes de fábrica. **Lenine**

Trabalhos forçados nas oficinas da C.P.

LISBOA

A situação criada ao operariado da C.P. pela administração da Companhia vem-se agravando de dia para dia. Para que os dirigentes da Companhia, altos magnates do capitalismo, possam auferir, no fim do ano, grossos ordenados e chorudos dividendos, necessário se torna que o operariado que nela trabalha seja explorado até à medula.

E para isso o pessoal das oficinas está dividido em 6 categorias, ganhando os officiais da 6.ª 13520 e os de 1.ª 24500. Isto significa que a maior parte do pessoal das oficinas não chega a ganhar 15500 diários: um salário de fome!

E se nos lembrarmos que o trabalho é por tarefa, e por peça, e que se a tarefa não fór realizada dentro do tempo estabelecido, que os salários sofrem descontos que vão até meio dia ou um dia de trabalho, no caso de repetição. Que por isso facto se pode ser suspenso, o que, praticamente, equivale a um despedimento.

Nas Oficinas Gerais o ambiente é ainda por visto que os camaradas não tem mais do que 3 minutos para ir a retrete! Se tiverem mais demora, descontam-lhe meio dia. Se um camarada é apanhado a fumar um cigarro, ou fora da sua bancada, é castigado com meio dia de trabalho sem salário.

Alem disso a Caixa de Reforma tira-nos quatro dias de trabalho por mês. E para que, se somente se puder a reforma aos 60 anos, e depois de 30 anos na Companhia?

E ainda é preciso que os médicos declarem de camarada está incapacitado de continuar trabalhando... Como veem, camaradas, a nossa situação de operários da C.P. tem muito de semelhante à dos negros nas roças africanas!

Esta situação tem-nos sido creada levado, sobretudo, à debilidade do nosso trabalho sindical e às deficiências do nosso trabalho partidário.

Se soubermos crear um Sindicato Unitário forte e um vasto Comité de Oficina, teremos creadas as condições necessárias para o triunfo das nossas reivindicações!

São todos assim...

MAFRA

O presidente da câmara municipal desta vila, homem «dedicado» ao salazarismo e, como tal, feroz perseguidor do operariado, castigou arbitrariamente 3 camaradas da central electrica porque estes, devido à falta de energia electrica, que a esta localidade é fornecida pelas C.R.G.E., e interpretando o contracto e ordens da câmara, haviam feito funcionar a central da vila, sem esperarem a respectiva autorização. Este acto, foi interpretado pelo Sr. Dr. Mascarenhas como um gesto «altamente revolucionário», e como tal, foram castigados arbitrariamente com 4 dias de suspensão de vencimentos estes tres camaradas, incluindo o que nesse dia estava de folga e que do caso não tivera conhecimento!

Esta «atitude heroica» do administrador mostra bem de que são capazes os servidores de Salazar.

O Anarquismo

ao serviço do capitalismo

(Continuação da 3.ª página)

remetendo isso aos sindicatos de trabalhadores rurais, sem ter feito o menor dano aos abutres do sangue camponês pobre e trabalhador.

Isto é a azaz ilucidativo do reformismo acanhado de toda a contra-ria anarquista.

Seguidamente, a mesma fô ha diz que o «critério da distribuição despendido naquêl Programa (no nosso programa) encontra-se em todos os programas da democracia burguesa, do revirálho.

Ora aqui se põe a claro a natureza do negócio concertado entre os sacerdotes do anarquismo e os sacerdotes do revtralismo.

A nossa reivindicação fundamental sobre a questão da terra, cala profundamente no sentir e no desejo de combate dos escravizados da terra.

E isto age como realidade, muito mais potente que todos os possíveis e imagináveis devaneios, ainda que sejam dum comboio carregado de sacerdotês daquelas duas sinagogas.

Então os chefes anarquistas descobriram uma fórmula para ligar os explorados à burguesia.

Gritam aos camponeses:

—Isso?!— Pois para isso não é preciso entrar em rija contenda.

Isso está no programa do revirálho. Praticamente. Os chefes anarquistas aconselham aos explorados que se mantenham em expectativa e que depositem toda a fé nos chefes burgueses do revirálho, porque o revirálho, a dar-lhes crédito, dar-lhes-á, tanto, quanto consta do Programa do Governo Operário e Camponês...

Já se viu maior embuste? Oh reacção repugnante! Oh reacção mascarada!

A terra para os que trabalham significa expropriação dos grandes lavradores e liquidação desta classe. Uma tal reivindicação só a podem materialisar as massas camponesas postas em pé de guerra e guiadas pelo P. Comunista.

Os chefes anarquistas que entram em compromissos com os politicos do revirálho, para paralisarem a revolução, já não encontram outro modo de desarmar os camponeses que não seja o de pregarem-lhe

Não vos apoquenteis com a luta, porque o revirálho dos politicos dar-vos-á a terra...

Continuaremos.

Amigos do «Avante!»

Com'o tantas vezes aqui tem sido lito, o nosso jornal para poder manter-se necessita do auxilio de todos os camaradas.

Esse auxilio deverá ser-lhe dado sobretudo, pela regularidade de pagamento e diffusão do maior numero possível de exemplares.

Alguns camaradas organizarão-se em grupo de amigos do «Avante!», e dão mensale uma importância determinada, por cada numero que sai. Temos a assinalar a existencia dum grupo de simpatizantes que, sob as iniciais de G.R.B.C. nos entrega regularmente 7500 por cada numero publicado.

E' dever de todos os verdadeiros militanes do nosso Partido, procurarem organizar grupos de amigos do «Avante!»

# Processo da Internacional Comunista

## Partido Comunista Português - (S.P.I.C.)

massas para as acções concretas (manifestações de rua contra a crise agrária, contra os impostos, etc.).

No país pululam as cooperativas, as sociedades de recreio e desportivas e renascem as comissões independentes de fábrica, etc. Por Partido de massas, nas condições da ilegalidade entende-se um Partido que se liga às massas, a base de toda esta série de organismos, colocando cada um dos seus membros na situação de realizar uma tarefa concreta nestes imensos campos das organizações legais, semi-legais e ilegais de massas. Na medida da nossa persistência e do nosso entusiasmo bolchevique, a base dos Sindicatos Vermelhos, do S.V.L., da frente anti-fascista, etc. deve ser mobilizada igualmente, para este trabalho legal e semi-legal de movimentação de massas.

## IV

Outro ponto a discutir é o da luta pela mobilização das massas para as acções concretas. A tendência «organizar, mas esperar que a liberdade venha» precisa de ser completamente rejeitada. O fascismo dificulta, mas não pode impedir como a realidade já o vem demonstrando, a prática das acções de massas. É justamente porque para levar a efeito uma acção concreta é necessário uma actividade muito mais cheia de ardor e de coragem, as acções de massas que vêm a ter luz, ainda que minúsculas, por vezes, colhem logo no início da sua eclosão um significado político acrescido. A nossa discussão a este respeito deve caracterizar-se pela luta contra a tendência: «ou todos ou nenhuns». Na Sociedade de Construção Naval, por exemplo, na semana de 25/2 Fevereiro/Março, o pessoal dum dos navios ali em fabrico, levantou-se para reclamar pelas suas reivindicações. Os nossos camaradas não souberam encaminhar logo esses operários (120) para a direcção da Empresa. E isto aconteceu, porque, não tendo conseguido um levantamento geral (ao que se opuseram os militantes anarquistas da empresa), acharam que tudo havia falhado. Esta tendência é derrotista. A decisão de arranque daqueles operários permitiria desde logo, ou poucos momentos após a generalização do movimento. Outra tendência que entre nós ainda se manifesta é a de ocultar a parte e a actividade do Partido. São vários os que dizem que quando amadurecem as condições duma acção

concreta numa fábrica, por exemplo, se o Partido faz sair um manifesto ou folha volante, dificulta ou impede que a acção venha a ter lugar, porque nesse caso os reclamantes serão logo acusados de comunistas. Ora tudo consiste em observar: 1.º que os nossos apêllos baseiam-se sempre na apreciação da situação real dos trabalhadores; 2.º que, quando a Polícia e o G.º V.º não respondem com a prisão de vários dos seus elementos e com a acusação de que a acção é fomentada pelos comunistas, quando as massas se vêem obrigadas a entrar na acção porque a vida lhes é insuportável, a polícia e o Governo não demonstram senão que não passam duma simples agência do capitalismo e dos patrões e então põe-se a claro com mais força que só o Partido Comunista defende os trabalhadores e os guia pelo único caminho que pode levá-los à salvação. A questão do prosseguimento da luta em pleno ambiente da repressão policial e do terror branco é um outro caso a discutir. Várias são as acções em que nós ficamos a meio por via da prisão de alguns dos nossos elementos que na preparação e direcção delas vêm tomando uma parte activa. Noutros casos, a simples prisão dum e munta, ou militante revolucionário, provoca, de-se logo, uma enorme indignação entre as massas em pontos determinados. É raro que tenhamos aproveitado essa indignação para levarmos essas massas à prática de manifestações concretas; a accentuação da luta pelas reivindicações anteriormente formuladas (se esse era o caso), em ligação com a luta pela libertação desse camarada ou camaradas. Em vários casos, as massas, crescem na luta contra os bandos da polícia que vão proter militantes, ou passar buscas às fábricas, em plena hora de laboração. É raro ver que os nossos camaradas organizem aí, o levantamento de massas, destinado a impedir as buscas e a arrancar os militantes das mãos da polícia. Por fim, entre nós existe o hábito de não ligarmos importância às acções minúsculas. Em vários pontos, as massas sem patulo lutam mais pelas palavras de ordem do Partido (milhares de protestos pela amnistia, apadrinhamento dos presos, pela liberdade de imprensa, etc.) do que trabalham os nossos elementos, por organizarem a luta por essas palavras de ordem. Isto é falso, em grande parte, da tendência que ainda se manifesta nos nossos quadros, que só acha digno do nome revolucionário o trabalho conduzido nas proporções já da insurreição armada. Ora, o processo de descrédito do fascismo e de aceleração da crise revolucionária e táctica é a provocação de «greves, mesmo pequenas, mas frequentes, sucedendo-se rapidamente e de manifestações violentas em diversos pontos» («Da estabilização abalada, ao segundo ciclo de revoluções e guerras».)

A ideia do assalto amadurece nas massas. As acções e os levantamentos de massas sucedem-se com frequência e alargam-se dia a dia. A crise geral agrava-se e desmantela o fascismo. O anarco-sindicalismo e o revirralismo, estão a braços com uma crise insuperável. O nosso Partido é já o lema das grandes massas. Desta constatação real resulta o encargo de discutirmos a questão do VII Congresso da I.C. colocando em evidência toda a mentalidade falsamente bolchevista que nos impede de assimilar esta noção: «tudo depende de nós!».

## V

A questão da guerra é um outro ponto que deve ser discutido largamente em ligação com a preparação do VII Congresso. O rearmamento oficial da Alemanha, o conflito Italo-Etiópe, etc. aproximaram muito mais o perigo de guerra imperialista. Os capitalistas portugueses e o Governo Carmona-Salazar, transformaram a política de guerra em política dominante. Porém, toda a preparação da guerra, do lado português, segue ligada a contradições que se aprofundam dia a dia. A ideia anti-guerreira recebe um largo cul-

tivo da parte das massas populares. A semana 25/2 Fevereiro/Março revelou, por outro lado, que a combatividade proletária e camponesa se elevam. As próprias forças do fascismo hesitam na questão da guerra. A preparação da guerra segue ligada, doutro lado, ao dilema do «maior sacrifício».

A guerra imperialista e contra-revolucionária é a guerra de trucidação e de despojo inaudito das massas populares. Os elementos de impedimento da comparticipação de Portugal na guerra encontram-se já bastante engrossados.

«Diante de nós encontra-se, igualmente, uma outra perspectiva, a perspectiva da guerra; mas da guerra sairá inevitavelmente a revolução, e, na situação actual, a transformação da guerra em revolução, operar-se-á mais rapidamente, do que por ocasião do primeiro ciclo de guerras e revoluções» («Da estabilização abalada, ao segundo ciclo de revoluções e guerras».)

A nossa discussão a respeito da questão da guerra deve incidir sobre a constatação do nosso retardamento na luta pela mobilização das massas à ideia anti-guerreira e pela organização de comités de luta contra a guerra. A luta pela realização de protestos de massas contra os orçamentos militares e contra os armamentos do Estado fascista e pela atracção das massas aos protestos contra as provocações à URSS deve e colocarse ao centro da preparação do VII Congresso. A luta contra a guerra só poderá ser conduzida eficientemente por meio da conquista larga das mulheres e da juventude. A questão que se coloca é a de liquidarmos todo o nosso provincianismo no aspecto do trabalho feminino e de mobilizar o Partido para o auxílio à Juventude Comunista, e a vistas do seu desenvolvimento e do ensaio de formas concretas da conquista da juventude trabalhadora.

## VI

O nosso Partido deve ser completamente mobilizado para a luta pela realização de acções comuns das massas exploradas contra a ofensiva patronal e contra a disciplina fascista nas empresas, pelos salários dos trabalhadores, pela defesa da jornada de 8 horas para todos os trabalhadores, contra o desemprego, pelas reivindicações camponesas, pela amnistia, pela liberdade sindical, pela liberdade de imprensa e de reunião, contra a militarização e contra a guerra, pela defesa da União Soviética.

O VII Congresso da I.C. vai ter lugar numa época de extraordinária tensão política internacional. Ele indicará aos trabalhadores de todo o mundo capitalista, as vias e os métodos que os não-de conduzir à sua emancipação.

O apêlo dirigido pela Internacional Comunista à II Internacional respeitante à frente única e à realização de acções comuns contra o fascismo, a ajuda ao heroico proletariado e aos camponeses espanhóis, o ascenso do movimento revolucionário em todos os países capitalistas, os sucessos da frente única em França, as lutas armadas de Viena e a insurreição Asturiana, os nossos próprios progressos, nos domínios da organização, do alargamento da influência e do trabalho persistente do Partido, as vitórias do exército vermelho chinês, o triunfo do marxismo-leninista, de resto já transformado em realidade numa sexta parte do mundo — na URSS — tais são os elementos essenciais que vaticinam que o proletariado mundial vencerá, guiado pela bandeira da Internacional Comunista.

Nos saudamos o proletariado russo construtor indefectível do caminho da emancipação de toda a humanidade trabalhadora e inclinamos a bandeira do nosso Partido ante Staline, o grande timoneiro da construção Socialista, o continuador do leninismo, o maior chefe do proletariado mundial, depois de Lenine.

O Secretariado do P.C.P. (S.P.I.C.)

### Los os anti-fascistas encarcerados!

A organização sindical revolucionária cresce no Arsenal da Marinha. O Director e alguns engenheiros passaram a fazer de Polícia de Informações. Declararam que haviam de acabar com os comunistas no Arsenal e começaram a prender a torto e a direito. A nossa organização courageira, São incapazes de entrar com ela. Prendem ao calhar, torturam barbaramente, operários, de que não têm a certeza se estão ou não na organização, apenas porque foram apontados por suspeita, no objectivo de lhes arrastarem a denúncia dos elementos filhados na célula e no sindicato.

Alvaro Duque Fonsêca destacado militante do nosso Partido há já um mês que se encontra incomunicável. A Polícia de Informações pertence estola-lo na incomunicabilidade, para que ele denuncie, naturalmente o C. C. E. do Partido, a tipografia do «AVANTE!» etc.

Desgraçados os dugos da classe operária!

Trabalhadores: Alargai o movimento de luta pela amnistia dos presos anti-fascistas!

Reclamar a libertação dos vossos camaradas de classe e de trabalho!

Abaixo o terror Salazarista!

### O que eu vi!

(Continuação da 4ª página)

legião, entre os quais me lembrava Filipe Camargo, Diego Turibio e Daniel Sanchez, da 5ª e 6ª companhias, e o tenente Montero e sargento Luciano, enterravam vivos os feridos que apanhavam.

Que com o tenente Montero entraram no Banco Asturiano e como encontrassem os cofres fechados, forçaram-nos, empregando granadas de mão, e entregando depois a cada legionário dos que com eles tinham 500 pesetas de gratificação, ficando eles com o resto.

Que o capitão mandava, depois de lhe vendido aos legionários bebidas fortes, que metralhassem mulheres e crianças; que assaltavam as lojas e levavam o que podiam.

Que o general Ochoa assinou pessoalmente um operário com um tiro, no quartel de Pelayo.

a) José António Giménez Plaza, 5ª Bandeira, 1ª Companhia;

### O Terror hitleriano

e os comunistas ante os interrogatórios

Duma comunicação enviada de campo de concentração de Rekinghausen, extraimos o seguinte:

«Chegados ao campo de concentração em número de 12 a 15, fomos presentes ao comissário T. Arnold, que nos recebeu desta maneira: «Donde vindes? Sabeis onde vos encontráreis agora? A qui vos encontráreis-vos entre a barbarie! Aqui aplicar-vos-emos mis sovas que fareis até sem forças para gritar. O que não quizerdes dizer-nos vos arrancar-vos-lo-emos a caceta». Foi por esta janela que Funk se arremessou. Vós podereis imitar-lhe o exemplo. Se vos faltar a coragem, nós ajudar-vos-emos um pouco.

Depois começou o interrogatório. Dois agentes da policia deitaram-se a mim, aos sapatos e aos miolos na cara e na cabeça. Arrastaram-me pelo chão, deram-me pontapés e arremeteram-me dum parede à outra. Dentro em pouco eu tinha a cara e a cabeça inchadas, sangrava do nariz e dos dentes e perdi o sentido. Os bárbaros conduziram-me à cela e disseram-me assim que recuperarei os sentidos: É só depois do nosso almoço que isto era serio. Efectivamente, assim foi. Eram 3 horas da tarde, começaram novamente pelos muros à cabeça. Foi projectado contra um mesa dumafinaquina de escrever. Bateram-me com toda a espécie de matraca de cautiva, até mais não poderem. Depois começa o interrogatório. Queriam que eu tratasse que indicasse as ligações com o topo e com a base. Eu não tenho necessidade de dizer expressamente que não lhes fiz a vontade. Os espancamentos continuaram. Nos primeiros momentos eu podia ainda dominar as minhas cores, mas depois elas começaram a exprimir-se por gritos.

A situação durante vario tempo foi dilacerante. Hoje mesmo, a seis meses eu estressou, estreiçado quando as chaves se movem ou simplesmente. Ao ouvir chamar um nome julgo o go que é o meu. Vós compreendreis facilmente que uma coisa semelhante não se vai sem deixar os seus traços. O coração e os nervos sofreram bastante.

As sentenças de morte pronunciadas, e por vezes executadas, em

### Frente unica de luta!

(Continuação da 1ª página)

comum... «para que o Governo não se alerte...», tornaram-se completamente ineficazes.

E, no entanto, quer os chefes anarquistas, quer os chefes revirralhistas persistem em colocar essa tática no lugar de tática fundamental.

2.º Tanto os chefes anarquistas, como os chefes revirralhistas fogem do terreno da promoção das acções concretas, destinadas a vir em auxilio das massas e para levar estas a varrerem a offensiva capitalista e a opressão fascista, a que servem de objecto. Dizem so: *frente unica para fazer a revolução!* Mas encobrem esta realidade a saber: *a revolução não cai do ceu, é preciso prepara-la e organiza-la. E, que, das duas coisas uma: ou as forças suficientes para fazer a revolução já foram conseguidas, e, nesse caso, não cabe o lugar para falar-se de frente unica, o dilema seria, pelo contrario: «vamos para a revolução!»; ou é preciso lutar pela constituição dessas forças, e, então, falando-se de frente unica é preciso emprestar-lhe a ideia do arremesso das massas à pratica de acções parciais, que engrassando-se e encorajando as massas cada vez mais abrem o caminho à revolução.*

3.º Em França, o Partido Comunista e o Partido Socialista organizam massas e estabeleceram um acordo temporário, e em vistas da mobilização das grandes massas para a pratica de acções concretas. Em Portugal, nem os chefes anarquistas, nem os chefes revirralhistas, organizam massas e, para cúmulo, nas questões de frente unica, querem *fazer tábua rasa do factor: massas e seu arrasto à luta concreta.* Em vez de virem em auxilio das massas, a luta das massas contra o fascismo, contra a guerra e contra a offensiva do Capital, uns e outros daqueles chefes proclamam, pelo contrario, às massas: **esperai que**

«o ravalhalho vai sair...»

4.º Por fim, as chefes mais categorizados do revirralhismo são politicos burgueses. E neste sentido que deve entender-se a sua proposta: não ensinar, de avanço, o caminho ás massas. O silêncio, em relação aos objectivos da revolução é uma condição essencial para que o capitalismo e a exploração feroz das massas, ainda subsistam a uma época em que, para derrubar um governo, é preciso pôr em pratica os métodos revolucionários.

Doutro lado, os chefes anarquistas reduzidos a magra seita, têm medo de ser absorvidos pelo turbilhão e de que a ideia do anarquismo naufrague, ainda mais do que já naufragou, ante a consideração das largas massas.

E neste sentido que eles, agora, falam de silêncio, quando a verdade e que, eles, foram muito palradores.

5.º O nosso retardo na applicação da tática da frente unica, e o resultado da situação concreta das forças politicas que se encontram no terreno do fascismo e dos métodos de luta que advogam. Em toda a parte verifica-se que, a frente unica, para tornar-se praticavel, não basta que assente num acordo táctico entre chefes, ou na renúncia a toda a critica, precisa de assentar num minimo de combatividade, já existente, entre as grandes massas e na decisão dos chefes, de lhes elevarem a combatividade e de arrastarem a acção, massas cada vez mais numerosas.

Para realisar esta frente unica — que é a unica frente salvadora — a luta tem de se conduzir se contra os chefes, justamente, que, ainda que se digam anti-fascistas, renunciam a luta concreta contra o fascismo, entorpecem o revolucionarismo das massas, em vez de elevá-lo, que corresponde a dizer que eternizam o fascismo.

Feita esta aclaração, a todos os que efectivamente querem combater a Ditadura, militantes anarquistas e anarco-sindicalistas, ou grupos de las correntes, elementos ou grupos, mesmo do revirralhismo, militantes, ou grupos socialistas e anti-fascistas dum modo geral, nós propomos esta plataforma de frente unica:

- 1.º Luta comum por um 1.º de Maio de manifestações e de acções, contra o fascismo, contra a offensiva do capital e contra o perigo da guerra;
- 2.º Luta comum pela amnistia para todos os presos anti-fascistas;
- 3.º Promoção de acções immediatas de defesa dos interesses urgentes do proletariado e das massas camponesas;
- 4.º Luta comum pela reconstrução dos sindicatos independentes da classe operária e pela cessação da censura à imprensa.

— E' escuzado dizer expressamente que eu não devia traír!

Só o leninismo, que eleva o sentimento de devoção à classe operária e a fé da capacidade revolucionária desta classe, a derrota inevitavel do capitalismo, pode gerar gigantes desta natureza. Com estes formidaveis gigantes o proletariado vencerá, e sabrá conduzir a sua vitória até à consolidação do revolução e construção duma nova vida e duma nova sociedade. E está o caminho que os camaradas russos indicaram ao proletariado revolucionário de todo o mundo, lutando sob a bandeira de L. nino e de Staline.

Duas coisas são: qui para se evitar as proyeções da barbarie hitleriana e a sargeza do relato da situação a que nos surge no durante varios tempos um soldado desse grande festacimento comunista que peja as horribes masnistras do governo dos nazis

Trabalhadores, lêde  
"O Proletário",  
Orgão da Comissão Inter-Sindical

### A MORTE DE MARUJA DE LA FUENTE

A) declarar-se o movimento da 5 de Outubro depois de terentido lugar varios recontros entre as forças do governo e as forças revolucionárias, desse combates resultaram feridos de parte a parte. Então os revolucionarios estabeleceram os hospitais de campo, jovens comunistas e socialistas, operarios sem partido e médicos, os praticantes e enfermeiros passaram a formar o pessoal desses hospitais e começaram a curar todos os feridos quer amigos quer inimigos. Num destes hospitais prestava serviço de socorro desde o dia 4 a camarada Maruja de la Fuente.

No dia 15 as forças do Estado entraram na região. Todos os operários que se encontravam na frente das forças de Marrocos e do tercio foram trucidados a ferro e fogo.

Os soldados marroquinos, acompanhados dos do tercio entraram nas casas dos operários. E onde encontravam uma jovem ou uma mulher que lhes despertasse o apetite, deitavam-se a ela e violentavam-na e maltravavam-na em seguida, naturalmente para que mais tarde não pudessem servir de testemunhas do vandalismo dos soldos marroquinos e do tercio, nas Asturias.

Depois entraram nos hospitais de sangue. Todos os feridos revolucionários que aí se encontravam, foram passados á baioneta ou massacrados á coronhada.

Assim prosseguiu nesta orgia de sangue, até que entraram no hospital onde se encontrava Maruja de la Fuente, em companhia dos seus irmãos. Aí se deitaram a mesma bacania que já tinham organizado nos outros lugares. Então, Maruja de la Fuente, ao contemplar as injustiças praticadas contra os seus irmãos de classe indefesos, vendo ao seu alcance uma metralhadora que fora abandonada pelos revolucionários, lançou-se a ela num rasgo de heroismo proletário, para fazer fogo contra esses inimigos do proletariado. Quatro verdugos do tercio dispararam immediatamente sobre ela, matando-a instantaneamente. A irmã desta heroína, ao vê-la cair, corre para levantá-la. Ainda não havia dado cinco passos, caiu, igualmente, varada por tiros de pistola.

Ninguém lhe deu a voz de «entrega-te». A unica voz que ella ouviu foi a voz dos tiros dos verdugos da insurreição asturiana.

Assim teve lugar a morte desta grande heroína, que durante onze dias havia sido uma das mais carinhosas enfermeiras dos que tombaram feridos nos combates das Asturias.

Os operários asturianos te vangare nos, inolvidavel companheira.

J. G.

### Realidades

«O fim dum Governo burguês é o de conservar os interesses limitados dos proprietários capitalistas. Por muito popular que seja a sua democracia e por muito grande que seja a defeza da personalidade humana, nunca ultrapassará os limites dos interesses particulares enquantanto o governo for burguês. Mas o fim do Governo Soviético, da ditadura do proletariado, é o comunismo, e este fim só poderá ser alcançado com o auxilio das massas trabalhadoras»  
KALININE